

## O CONSTRUTO "CONSCIÊNCIA" EM CARL R. ROGERS (\*)

Miguel de La Puente

Universidade Estadual de Campinas.

A psicologia dinâmica de Carl Rogers é entendida comumente como uma psicologia da consciência, apesar da importância que o autor da Terapia Centrada no Cliente atribui às experiências que antecedem qualquer estado de consciência, qualificadas de **inconscientes**. Tanto este termo como o seu oposto, embora usados gramaticalmente como substantivos ( a **consciência** ou o **inconsciente** ) têm em Rogers um valor mais adjetivo do que substantivo seguindo nisto os últimos posicionamentos de Freud, visíveis na chamada Segunda Tópica ( Lagache, 1966 ). Rogers é colocado muito justamente, aliás, entre os psicólogos das **Ego-psychologies** ou **Self-psychologies** que continuaram o **último Freud** e os analistas pós-freudianos, os quais deram uma importância crescente ao Ego. O próprio Rogers reafirma este ponto, declarando enfaticamente haver colaborado substancialmente para o desenvolvimento da psicologia do **self** ( Rogers, **passim** ).

No comum entender dos teóricos, a consciência e o **self** correlacionam-se indiscutivelmente, assim como a consciência e o inconsciente ( Ey, 1968 ). Embora o **self** possa ser consciente e inconsciente, ele é antes de tudo consciente, no sentido de que seria impossível um **self** sem consciência, sendo ela um estado dele característico. Por outro lado, o material que se encontra fora de sua estrutura é em si mesmo inconsciente, tornando-se somente consciente ao entrar na estrutura do **self**. **Tornar-se** é força de expressão, pois não é o mesmo material que entra na estrutura do **self** e se torna consciente, mas os derivados que dele procedem.

Do referido se segue que o **self** é o nível da consciência, no sentido de autoconsciência a partir do material introduzido na sua estrutura, e que o **não-self** é o nível do não-consciente. Neste trabalho, visando primordialmente ao tema da consciência, não será feita diretamente uma análise acerca do que Rogers entende por **inconsciente**, que equivale de modo geral ao pré-consciente freudiano, e que é, em termos do próprio Rogers, um material disponível à consciência, ou porque nunca foi consciente ou porque foi **denegado** ou recusado da consciência. Mas a Terapia Centrada no Cliente não se questiona sobre a origem desse material ou sobre a natureza do Inconsciente ( Rogers ), negando até o inconsciente

\* Comunicação havida no Primeiro Encontro de Psicologia Humanista, realizado em fevereiro de 1978, em São Paulo, do qual participou o próprio Dr. Carl R. Rogers.

propriamente dito ( Gendlin, 1962 ) com base nos pressupostos da fenomenologia, o que não é admissível, já que a fenomenologia não se opõe a uma idéia do inconsciente como Freud o entende ( Lantéri-Laura, 1966 ). Ainda, dentro do tema em estudo, não se discutirá, neste trabalho, a terminologia rogeriana de **awareness** ou **consciousness** e seus contrários, que Rogers qualifica de sinônimos ( Rogers, 1959 ), dentro de um quadro mais vasto de uma psicologia da consciência.

Experiência e **self**, como níveis de personalidade, e consciência e não-consciência como **estados** ( denominação usada repetidamente por Rogers ) que qualifica esses níveis, constituem o **campo fenomenal** do indivíduo, segundo Rogers. Este campo é **privado** e **incomunicável** ( expressões de Rogers ), sendo expresso através do comportamento, o terceiro nível da personalidade, que, como se pode concluir, encontra-se fora do campo fenomenal, pois ele é visível e comunicável. Deve-se ter em consideração que Rogers acrescentou, nos tempos de Chicago ( década de 50 ), um novo estado que qualifica o campo fenomenal, o de **subcepção** ( **subception** ), tomado de McCleary e Lazarus ( Rogers, 1959, p. 199 – 200 ). Este estado é intermediário entre os outros dois, distanciando-se da consciência e da não-consciência, e sendo explicado por Rogers em termos de **alguma consciência**. Em conclusão, experiência e **self** são objeto de três estados que os qualificam, sendo estes, em ordem crescente, os de não-consciência, alguma consciência ( **subception** ) e consciência.

Segundo Rogers, o papel do **self** nestas mudanças qualitativas é fundamental, sendo o valor desta importância resultante da posição intermediária que o **self** ocupa na hierarquia dos três níveis da personalidade ( experiência, **self**, comportamento ) e do sentido interativo existente entre esses níveis, o qual pode ser crescente ou progressivo ( experiência, **self** ), ou decrescente ou regressivo ( **self**, experiência ), originando resultados diferentes no crescimento da personalidade. Rogers estipula um modelo de crescimento ideal, com base no qual devem ser entendidas suas colocações temporário-espaciais. Neste modelo ideal, onde se parte da experiência, que é estruturada no **self**, emergindo, finalmente, o comportamento, é dado também o mesmo sentido às noções de congruência ou incongruência, como estados de acordo ou de desacordo entre os níveis da personalidade ( experiência, **self**, comportamento ). Assim, a pessoa congruente é aquela em que existe acordo entre a sua experiência e o seu **self**, porque este é constituído a partir daquela, e não vice-versa.

Partindo deste referencial disposto na ordem hierárquica referida e orientado a partir do sentido crescente ou progressivo, Rogers define a experiência e o **self**, como também os estados que os qualificam. A descrição de Rogers supõe, embora não esclareça explicitamente, os arrazoados precedentes propostos pelo autor deste trabalho. Com base neles, entende-se agora porque se deve começar pela descrição do **self**, e só depois

expor a noção de experiência em Rogers. Este procedimento se justifica, pois a experiência, embora seja o primeiro nível da personalidade, não se explica por si mesma, mas pelo discurso do **self**, pois ela é inefável. Mesmo quando apontada, e não conceitualizada, a experiência é simbolizada a partir de fora do seu próprio nível ( Gendlin, 1 962 ).

Com base nos próprios textos de Rogers, eis os resultados encontrados: Rogers se refere ao **self** ( segundo nível ) como a processos orgânicos posteriores, derivados das experiências próprias ou alheias ( **raw material of which the organised self concept is formed**, onde **raw material** é aplicado à experiência: Rogers, 1 959, pág. 200 ), simbolizados e organizados, que podem estar: disponíveis à consciência, ou na consciência ( Rogers, 1 951 e 1 959 ). Donde o caráter conscientizante do **self** e dos símbolos, como nível distinto do nível da experiência ( primeiro nível ), tão evidente nas obras de Rogers. Mas esta consideração é parcial, como se depreende dos seus textos, pois o **self** é a imagem refletida das experiências orgânicas, próprias ou alheias, em relação às quais ele autopercebe a sua congruência ou incongruência. Neste sentido, o **self**, tanto congruente como incongruente com a experiência, pode-se encontrar em estado de: não consciência, alguma consciência ( **subception** ) e consciência. Note-se que esta discriminação tripartida de estados confirma a anterior, já que o não consciente e o **subcevido** estão disponíveis à consciência. Donde a aparente confusão dos textos de Rogers para o leitor menos avisado. Em outras palavras, os símbolos do **self**, podem-se encontrar na sua estrutura em estado de não consciência, alguma consciência ( estados estes disponíveis à consciência ), e na consciência.

Quanto ao primeiro nível, Rogers se refere à experiência como a processos orgânicos originários ( **raw material**: Rogers, 1 959, pág. 200 ), pré-conscientes, que podem estar: disponíveis à consciência, denegados à consciência, na consciência ( Rogers, 1 951 e 1 959 ). Já disse Binswanger ( 1 970 ) que a experiência é irretomável em si e por si mesma. É a partir do **self** que Rogers tenta explicar a experiência. Rogers qualifica a experiência mediante a relação que o **self** pode ter com ela, em termos de disponibilidade à consciência ( do **self** ). Mas a qualifica também a partir da ação de fato ( e não apenas possível ) do **self**. Assim as experiências podem ser denegadas à consciência, ou aceitas na estrutura consciente do **self** através da sua simbolização correta e distorcida. Suposta neste raciocínio está a natureza ativa do **self**: as experiências não são conscientes em si e por si mesmas, mas na e pela estrutura do **self**. É aqui, com efeito, onde são constatados certos tubos e imprecisões de Rogers ao se referir à experiência, onde ele coloca simbolizações **menos acuradas ( sic )**, em oposição às simbolizações corretas e acuradas do **self**. Não aparece claro na teoria de Rogers qual o lugar dos símbolos; se eles pertencem à estrutura do **self** ou à experiência. Mas no contexto geral dos seus textos em torno

desse assunto, e tendo em consideração mais a prática que a teoria rogeriana, acredita-se que nas ocasiões referidas houve titubeios por parte de Rogers, que, porém, não desmentem substancialmente a apresentação crítica da sua teoria da consciência, como está sendo colocada pelo autor deste trabalho ( De La Puente, 1978, pág. 47sq. ).

As duas definições descritivas do **self** e da experiência, além de implicarem estados qualitativos entre os pólos opostos de consciência e não-consciência, comportam mecanismos dinâmicos pelos quais **self** e experiência são constituídos. Estes mecanismos são explicados a partir de um novo e mais amplo contexto qualitativo, tendo em consideração os fenômenos da congruência e incongruência. Como os estados de consciência e não-consciência, os fenômenos da congruência ou incongruência também constituem estados qualitativos, sujeitos, porém, àqueles. Assim, Rogers fala da consciência e da incongruência. Desta feita, consciência e não consciência aparecem circunscritas a regiões de maior ou menor amplitude, já que a estrutura autoconsciente do **self** pode estar ou não aberta às suas relações de acordo ou desacordo com as experiências orgânicas pessoais.

Os dinamismos aludidos ganham sentido neste contexto. O estado de congruência é resultante da abertura ( consciente ou disponível à consciência ) do **self** às experiências pessoais, ao passo que o estado de incongruência resulta das defesas ( não conscientes ou pouco conscientes ) do **self** contra as experiências orgânicas. As defesas nas quais Rogers insiste são de três tipos: **denegação ( denial )** das experiências ao e pelo **self**; **introjeção** ao e pelo **self** de símbolos provindos de fora sem passar pela própria experiência; **distorção** das experiências pessoais pelo **self** ao entrarem estas na sua estrutura, com a finalidade de reduzir as diferenças entre as simbolizações introjetadas e as experiências orgânicas, criando um compromisso menos incômodo para o organismo. Noutras palavras, do ponto de vista da experiência, esta pode ser simbolizada na estrutura do **self** por lhe estar disponível ( ausência de defesas ), mas pode ser denegada ao **self** ou simbolizada nele distorcidamente ( presença de defesas ). Do ponto de vista do **self**, os símbolos podem provir corretamente da experiência orgânica ( ausência de defesas ), ou distorcidamente, podendo também ser introjetados de fora, sem passar pela experiência pessoal ( presença de defesas ). O que importa salientar nesta dinâmica ( não-consciência, pouca consciência, consciência ) é que o **self** é que permite a abertura ou coloca as defesas.

Conclui-se, se esta análise for justa, que o nível da experiência, por ser o nível da não-consciência, do denegado à consciência ( negação de negação ), sendo, pois, o nível do disponível à consciência, é conseqüentemente o nível da não-consciência no sentido de que ela nunca é consciente em e por si mesma. Por outro lado, segue-se também que o nível do **self**,

podendo encontrar-se em estado de não consciência, sendo então disponível à própria consciência, é propriamente o nível da consciência, não no sentido de necessariamente na consciência, já que pode estar apenas disponível à consciência, mas no sentido de ser autoconsciente, nele e por ele surgindo a consciência. A consciência do **self** é consciência de si e consciência da experiência simbolizada. Eis, porém, em contrapartida, o paradoxo: se a percepção clara e consciente do **self** é decisiva para o crescimento da pessoa, também é fundamental o papel da própria experiência pois a autoconsciência do **self** implica, ou melhor, tende a implicar o estado de congruência, isto é, a consciência do **self** é consciência de si, da experiência e das relações recíprocas entre **self** e experiência ( congruência ou incongruência ). Daí, a importância do **self** implicar a importância da experiência.

Consciência e não-consciência, congruência e incongruência, como estados qualitativos do **self** e da experiência, assim como os mecanismos dinâmicos destes níveis de personalidade manifestam a **tendência atualizante** do organismo. Sem consciência, o comportamento resultante escapa ao controle do indivíduo ( Rogers, 1951, pág. 510 ). A força que impele o organismo para o crescimento é um vetor, cuja direção lhe é imprimida na consciência. Mas Rogers esclarece que apenas uma pequena parte do campo fenomenal se torna de fato consciente, permanecendo a maior parte dele apenas disponível à consciência ( *ibid.*, pág. 483 ). Por outra parte, a ênfase que Rogers atribui à experiência na sua teoria psicológica pode explicar este aparente impasse: o organismo é dirigido também pela sua própria sabedoria, ainda que não consciente. O importante, explica Rogers, não é a atual consciência das próprias experiências, mas que estejam estas disponíveis à consciência, não existindo, noutras palavras, barreiras entre os diversos níveis da personalidade. Como já foi salientado, a consciência é um reflexo da experiência, organizando-se a partir desta. A experiência é uma constante, ao passo que a consciência é um acontecimento cuja importância e valor reside originariamente na experiência da qual ela é, apenas, um **simple reflexo** de alguma parte do processo orgânico, em lugar de ser um jato nítido de luz sobre o organismo ( **a sharp spot-light of focused attention: Rogers, 1963, pág. 17** ).

O sabor rogeriano da imagem do reflexo pode-se avaliar considerando o significado da velha técnica do reflexo, que data dos tempos de Ohio ( 1940 – 1945 ) ( De La Puente, 1970 ), e que ora é utilizada, não como técnica de entrevista, mas como processo de integração, descrevendo a consciência como um reflexo ( simbólico ) da própria experiência. A figura da pirâmide para representar o campo fenomenal do indivíduo, de que Rogers também lança mão, parece ser tomada de Lancelot White, e as explicações a ela atribuídas e de que Rogers se apropria são desse filósofo da ciência: a focalização atenta e consciente parece resultar de um dos

últimos estágios evolutivos da espécie humana; trata-se de um diminuto pico ( da consciência ) colocado sobre uma larga pirâmide de processos organísmicos não conscientes; ou, então, pode-se comparar ( a consciência ) a um **repuxo piramidal**, cuja ponta se encontrasse iluminada intermitentemente por sua própria luz ( *ibid.* ). Concluindo, a teoria de Rogers dá uma indiscutível importância ao **self** e à consciência, merecendo ser considerada, como uma psicologia do **self** e da consciência, mas onde se atribui um sentido especial muito importante à experiência do indivíduo, isto é, às bases em que se apóia o **self** ou, então, ao material de onde deriva o **self** ao criar sua autoconsciência e organizar a sua estrutura.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BINSWANGER, L. **Discours, parcours et Freud**. Paris, Gallimard, 1 970.
- DE LA PUENTE, M. **Carl R. Rogers: de la psychothérapie à l'enseignement**. Paris, Epi Editeurs, 1 970.
- DE LA PUENTE, M. **O ensino centrado no estudante — Renovação e crítica das teorias educacionais de Carl R. Rogers**. São Paulo, Cortês e Moraes, 1 978.
- EY, Henri. **La conscience**. Paris, P.U.F., 1 968.
- GENDLIN, E. T. **Experiencing and the creation of menaing**. N. York, The Free Press of Glancoe, 1 962.
- LAGACHE, D. **La psychanalyse**. Paris, P.U.F., 1 966.
- LANTÉRI-LAURA, G. "Les problèmes de l'inconscient et la pensée phénoménologique". In: **L'inconscient — VI<sup>e</sup> Colloque de Bonneval**, organizado por Henri EY. Desclée de Brouwer, 1 966.
- ROGERS, C. R. **Client-centered therapy**. Boston, Houghton Mifflin, 1951.
- ROGERS, C. R. "A theory of therapy, personality, and interpersonal relationship as developed in the client-centered framework". In: KOCH, S. e colab. **Psychology: A study of a science**, vol. III. N. York, McGraw-Hill, 1 959.
- ROGERS, C. R. "The actualizing tendency in relation to motives and to conscieousness". In: MARSHALL R. JONES e colab. **Nebraska Symposium on Motivation**. Univ. of Nebraska Press, 1 963.